

ANO 9 Nº 95 MARÇO/ABRIL 2013

# wide

Fonte de inspiração para os seus negócios



R\$ 11,90



## **E-commerce de Luxo**

Um verdadeiro "boom" do mercado virtual

## **Arte Interativa**

Como encantar seu público: arte com interatividade nos museus

## **Networking Virtual**

Como produzir um sólido networking na rede?

## **Fotografia Inclusiva**

Entrevista com Tina Andrade, entusiasta das tecnologias de informação

## **ESPECIAL**

**Panorama do mercado de e-commerce no Brasil**

# Refleta sobre sua carreira

*Saiba o que os especialistas consideram ser uma trajetória promissora no mercado de trabalho*

## Fotografia e empreendedorismo

*Wallace Vianna é mestre em design, e designer de mídia impressa e internet.*

**Tina Andrade é jornalista**, entusiasta das tecnologias de informação e comunicações – , é uma empreendedora no ramo da *Comunicação, Cultura e Arte para o Desenvolvimento Inclusivo*. Ao se autodefinir, Tina se diz “transformer” e usa a fotografia para transformar o estado-da-vida humana. Isso talvez explique como conseguiu empreender a Mostra imaginaSOM - de fotografia para cegos. Você não leu errado, é isso mesmo: Tina conseguiu reunir pessoas com diferentes tipos de deficiência para realizar um evento que chamasse a atenção para os quase 25 milhões de consumidores culturais com alguma deficiência, que estão totalmente desassistidos de um atendimento de qualidade. Para este empreendimento social, levantou patrocínio, atraiu atenção da mídia, sensibilizou pessoas, humanizou a imprensa e revelou a DiverSOCIETY (neologismo que criou para “A Sociedade que nasce da Diversidade”).

Interessei-me em fazer essa entrevista com Tina, pois acredito que empreender um projeto sem dinheiro próprio e com resultados esperados é algo que independe de sorte ou ramo de atividade. Além disto, que depoimentos de sucesso – com erros e acertos, percalços e vitórias – são fontes inesgotáveis de inspiração para quem estiver disposto a trilhar caminhos semelhantes.

A seguir descrevo como empreender independe da área de formação, além de mostrar como e porque esta profissional híbrida conseguiu emplacar um projeto vencedor que inaugura uma nova vertente da fotografia.

**Wallace:** Tina, sei que há muito tempo você já se envolvia com questões de acessibilidade – e muitos de seus leitores com deficiência visual leem seus artigos na internet; mas como surgiu a ideia de fazer um evento de fotografia com cegos?

**Tina:** Minha primeira câmera fotográfica foi uma Cybershot dada por meu marido, o fotojornalista Jonny Ueda em 2007. Logo minhas primeiras fotos começaram a ser aceitas em Bienais e eu podia ter empreendido uma nova carreira. Mas como jornalista eu me sentia tomada por uma espécie de “cegueira branca” – uma metáfora usada por Saramago para falar sobre “a *responsabilidade* de ter olhos quando os outros os perderam”. Ou seja: o mesmo jornalismo que delata a intolerância social e a falta de políticas públicas que garantam os direitos básicos de qualquer um de nós (e entre nós, as pessoas com deficiência) carece desses mesmos princípios. Então, criei a *Fotografia Inclusiva* vislumbrando a imprensa acessível.

**Wallace:** Tina, como foi colocar as ideias no papel e por o “bloco na rua” – elaborar o projeto cultural, conseguir patrocínio e montar o evento?

**Tina:** Ter uma ideia criativa é a parte mais simples. O difícil é saber comunicá-la utilizando a linguagem dos investidores. Antes, o desafio era tangibilizar o retorno do investimento (ROI). Hoje, a tendência está em saber usar os mecanismos de mercado para solucionar problemas sociais e ainda transformar isso em uma bela oportunidade de negócios (esse é o conceito de *Negócios Sociais* ou *Empreendedorismo 2.5*, onde me encaixo). Mas não adianta querer criar um projeto como uma *bricolage*, sobre o modelo de outro, porque o *howto* ou “como fazer” é o pulo do gato. Via de regra, o recurso deve ir para as mãos de quem demonstra coerência no orçamento, praticidade na execução e generosidade na contrapartida.

**Wallace:** Durante o projeto aconteceu algum fato curioso ou digno de nota que você gostaria de citar?

**Tina:** Eu criei uma experiência sensorial no qual pedia para que as pessoas descrevessem uma maçaneta. A dificuldade das “videntes” (*aquelas que veem*) era tanta, que deixou claro que *se estamos deixando de ver coisas simples, que estão no nosso dia a dia, também podemos deixar na invisibilidade aquilo o que nos constitui enquanto sujeitos* e isso merece uma reflexão. Experimente (você que nos lê agora) fechar os olhos e descrever uma maçaneta - não para quê ela serve ou como a manipula – descreva-a enquanto objeto, como ela surge na sua mente. Simples assim.

**Wallace:** Qual foi o retorno que você obteve da mídia?

**Tina:** Alto. E não esperava menos. Esta era a intenção: tocar, sensibilizar, humanizar. A mídia também foi envolvida. Aproveitei uma *vernissage* e pedi a equipes de reportagem para entregar os certificados de participação confeccionados em braile e tinta. Com este gesto, a imprensa muda de lado, percebe? Aí fica mais fácil pensar o Jornalismo como “o” serviço de utilidade pública que é.

**Wallace:** Que resultados você capitalizou profissionalmente com o evento?

**Tina:** Consegui levar essa questão do acesso à informação e a inclusão do consumidor cultura com deficiência para o Ministério da Cultura através de um processo democrático que me elegeu membro titular do Colegiado Setorial de Artes Visuais do Conselho Nacional de Política Cultural. Como representante da sociedade civil, milito em prol da destinação de recursos para investimentos em tecnologias assistivas na requalificação dos espaços culturais públicos e na criação de novos, objetivando garantir à pessoa com deficiência não apenas o acesso a acervos, mas a formação de um público de arte através de capacitação artística e crítica. Também tive a proposta de pesquisar a “A Arte Visual Escotomática”, aprovada para um programa de doutorado.

**Wallace:** Nem tudo deve ter sido um mar de rosas. Fale um pouco dos problemas que você teve no percurso e como os superou.

**Tina:** Sim, a mostra foi primeira colocada em um edital, mas o recurso que deveria viabilizá-la chegou meses depois da sua realização. Mas quando você tem um projeto consistente e usa de sinceridade, transparência e age com congruência, a ajuda aparece. Nessas horas fazer “cara de paisagem” e fingir que está tudo bem, pode colocar o trabalho em risco. Um bom empreendedor deve colocar seus objetivos acima de qualquer vaidade.

**Wallace:** Quais foram as lições de vida e profissionais que você tirou desse evento fotográfico para dividir com pessoas que pretendem empreender ideias ou projetos pessoais/profissionais?

**Tina:** Que antes de falar sobre as deficiências e a maneira como a sociedade interage com ela, eu deveria conhecer as minhas próprias deficiências, meus limites. Profissionalmente, o segredo está na atuação empática. A gente discursa sobre o outro, especula, julga, mas deve vivenciar sem pré-conceitos diferentes níveis de realidade. Eu segui à risca o lema de Kofi Anan: “nada sobre nós sem nós”, ou seja, envolvi a pessoa com deficiência em todos os processos: do planejamento à execução, até o pós-evento. Deve ser assim em qualquer relação cliente-servidor. Muitos empreendimentos são mal-sucedidos porque o usuário final fica para trás nas suas etapas. Envolve-o!

**Wallace:** Tina, você tem talento nato para vender suas ideias. Você acredita que habilidade social (comunicabilidade) conta tanto quanto conhecimento técnico? O fato de algumas pessoas não conseguirem empreender deve-se ao fato de não saberem comunicar bem suas ideias (apesar de terem conhecimento de causa)? Você daria um conselho para quem deseja se desenvolver a própria inteligência emocional (termo tão em moda anos atrás, sempre atual) ou a habilidade interpessoal na área de negócios?

**Tina:** O conselho é para perceber o fato, admiti-lo e buscar informações para promover a mudança. É quase um rito de passagem, sabe? Tem um momento da vida (em geral quando você está fora da zona de conforto, bem à margem para ser sincera) que começa a se questionar “como saber que se está fazendo a coisa certa?” – essa pergunta foi feita a mim por Mizuji Kajii, um *coach* que contratei no momento em que estava decidida a deixar a vida de executiva em Tecnologias de Informação para me tornar uma Tecnologia Assistiva. A resposta foi: “quando vejo as coisas acontecerem da forma planejada”. Também foi dele a instrução para que eu verificasse a efetividade de minha comunicação. Isto porque muita gente finge que entende o que você diz e pior: você pode acreditar nisso (risos). Outra máxima da literacia é “fale para todos”. Zigmunt Bauman, é para mim a voz do século: um erudito fácil de entender.

**Wallace:** Tina, nos conhecemos há anos, sei que você é uma empreendedora nata (já realizou diversos eventos dignos de nota, sem capital próprio). Que conselho você daria a quem tem o desejo de empreender uma ideia, mas não sabe por onde começar, ou, quais seriam os erros comuns de quem empreende sem capital próprio?

**Tina:** Essa é a parte boa da história: o nosso exemplo: mais que uma longa amizade, temos a lealdade. Ter lealdade para consigo mesmo antes de tudo é a chave para transformar uma ideia em um plano e um plano em um negócio. O segundo passo é a visualização criativa: quando você quer muito algo, deve realizá-lo na mente que é o espaço sagrado de todas as coisas. A mente é o melhor ambiente controlado onde você pode entrar, experimentar e sair com um resultado que ninguém, além de você mesmo, poderá julgar ou induzir. Se houver outro alguém, acredite, são os fantasmas que você ressuscitou para se auto-sabotar (*puedes no creer, pero que los hay, los hay*)...

**Wallace:** Tina, recentemente você se tornou mestre em Semiótica, Tecnologia de Informação e Educação, o que mostra que não é impossível conciliar profissão, vida e empreendedorismo (você não abandonou sua profissão, vida pessoal ou estudo para empreender). Há algo que você gostaria de acrescentar?

**Tina:** Sim. Eu estava grávida quando prestei vestibular para Comunicação Social, fui mãe no primeiro período e nunca matei aula sob chuva ou sol! Quando eu não tinha quem pudesse cuidar de meu filho, ia pra faculdade com o bacuri junto às costas. Entre uma prova e outra, eu amamentava. De volta à casa, tinha que fazer os deveres, o trabalho *freelancer*, deixar a casa arrumadinha, fazer comida lavar roupas durante a madrugada. Dormia três horas em média e nunca acordei de mau-humor! Lidava com o negativismo de pessoas que não conseguiam levar seus planos de vida adiante: "você vai ter que escolher o que deixar de lado, não vai da conta de tudo"... Hoje, qualquer cólica menstrual é motivo para cabular a aula. Certa vez, perguntei para uma turma de universitários: "para quê vocês estão investindo seu conhecimento, habilidades e atitudes neste curso?" – foi um silêncio tão alto que cheguei a ouvir seu turbilhão de pensamentos. Saber os "porquês", soa mais simples... É preciso ter um plano de vida, sem esquecer que a vida também tem um plano paracada um de nós. Use a energia para alinhar ou realinhar diferentes objetivos em busca da felicidade do outro: de nossos pares (marido, esposa, filhos, sócios, amigos,...), pra começar. Pensar no outro nos ajuda a identificar nossa missão. A vida dá sinais, mas nem sempre se consegue perceber, porque a gente costuma enxergar só o que procura. Basta fechar os olhos para ver!